



ÉTICA TEOLÓGICA COMO FUNDAMENTO PARA A PEDAGOGIA MORAL

Maria Inês de Castro MILLEN*

RESUMO

O artigo se dispõe a averiguar como a ética teológica pode apontar fundamentos para uma educação que se pretende libertadora e comprometida com a vida das pessoas e com a vida do planeta que habitamos. Para isto, retoma as propostas do Concílio Vaticano II: a volta às fontes bíblicas, a retomada do verdadeiro rosto de Deus, revelado por Jesus Cristo, e uma moral que se renova a partir da importância singular dada à consciência que discerne e age com responsabilidade criativa e a partir de uma liberdade fundada na fidelidade. Retoma ainda nossa missão de pedagogos morais, indicando que devemos nos colocar primeiramente como ouvintes da palavra de Deus, da Tradição divina e humana, do grito dos pobres e dos sinais dos tempos, para depois, assumindo a pedagogia de Jesus, que pode ser explicitada de várias formas, nos tornarmos evangelizadores entusiasmados, difusores da Boa-notícia que transforma a vida das pessoas e as torna mais felizes e mais corajosas diante dos desafios impostos pela existência. Assim, podemos acreditar que a ética teológica contemporânea, com seus fundamentos, tem, muito a contribuir com a pedagogia moral que pode ser curativa e paraclética,

Palavras-chave: Ética teológica. Pedagogia de Jesus. Moral Renovada.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo traz a proposta de averiguar como a ética teológica pode apontar fundamentos para uma educação que se pretende libertadora e comprometida com a vida das pessoas e com a vida do planeta que habitamos.

* Doutora em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Ouvidora, assessora pedagógica e professora titular no curso de Teologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF).

Não constitui nenhuma novidade o fato de estarmos vivendo uma profunda crise dos fundamentos da ética. As polarizações radicais, muito sentidas no cotidiano, ressaltam e priorizam os fundamentalismos estéreis e privadores de sentido, e nos afastam daquele núcleo essencial, capaz de nos sustentar e equilibrar. Momentos tensos de divisões e ressentimentos, que varreram para fora do coração os afetos e os laços vinculantes, ensombrecem nossos dias. Estamos mais pobres e mais tristes, cada vez mais solitários e sem esperanças. Como curar nossos corações, como recuperar o sentido de viver em paz com todos e de modo sustentável, sem agressões às pessoas e à natureza?

A ética teológica, renovada pelo Concílio Vaticano II, nos aponta um caminho luminoso, quando retoma a Sagrada Escritura como fonte primeira de toda a teologia. Em função do esquecimento deste caminho, ao longo destes dois mil anos de cristianismo, alguns resgates se fizeram e se fazem ainda hoje necessários, mesmo cinquenta anos após o Concílio.

2 O CONCÍLIO VATICANO II E A MORAL RENOVADA

Embora o Concílio não tenha produzido um documento específico sobre a Moral cristã, suas propostas trouxeram e ainda trazem mudanças significativas para o modo de se fazer e viver a ética cristã. Isto porque alguns resgates se impõem.

O **primeiro deles** pode ser pensado como o resgate do verdadeiro rosto de Deus.

A volta às fontes bíblicas foi fundamental para nos recordar, a partir dos textos do Novo Testamento, o rosto do Deus revelado por Jesus Cristo. Jesus nos apresenta o Pai, um Deus amoroso, misericordioso, que perdoa sempre, que não faz barganhas, que não tem sede de vingança, que não está à espreita de cada um e de todos para aplicar seu castigo mais severo. Jesus nos revela Ele mesmo, um Deus *quenótico*.

Ele, que é de condição divina não considerou como presa a agarrar o ser igual a Deus, mas despojou-se, assumindo a forma de escravo e tornando-se igual ao ser humano. Aparecendo como qualquer homem, humilhou-se, fazendo-se obediente até a morte – e morte de cruz!" (Fil 2,6-7)

Jesus nos promete também o Espírito, quando nos recorda que não sabemos tudo, que há ainda muitas coisas a aprender e que nos serão ensinadas se nos abirmos à força deste Espírito, Vento que sopra onde quer.

Este é o nosso Deus, um Deus trino, relacional, comprometido com a história da humanidade, que cria salvando, que vence sem fazer vencidos, que carrega consigo para a vitória aqueles que não a mereciam. A justiça deste Deus está para além daquela antes compreendida, a do olho por olho e do dente por dente. Ele fala e faz acontecer a justiça de um Deus que contempla sempre o perdão e o amor infinito por todos, sobretudo por aqueles pobres em espírito, que estão perdidos e desorientados nas suas opções.

O **segundo resgate** feito pelo Concílio e que queremos aqui abordar é aquele que retoma os fundamentos da ética cristã, dialogando com o tempo presente. Assim, não é mais possível pensar a moral cristã sem levar em conta a realidade atual e os grandes referenciais que nos orientam: o *ethos* dos povos, na riqueza das culturas e da religiosidade popular, a ética como saber, fundada pela filosofia grega, a moral que se apresenta a partir de leis e normas necessárias para a garantia da vida e que não dispensa mais a subjetividade e a alteridade como categorias epistemológicas básicas.

O **terceiro resgate**, apresentado por Bernhard Häring, um dos grandes nomes do Concílio é o resgate da nossa identidade de pedagogos morais. Para ele, o teólogo da moral deverá definir sua identidade, sobretudo em vistas de sua qualidade e vocação de ouvinte (HÄRING, 1991, p. 15-17).

Primeiramente, precisamos nos colocar como **ouvintes da Palavra de Deus**. Precisamos ser nutridos por esta Palavra. Só quando esta palavra fizer parte de nós, modelando o nosso modo de pensar, a nossa sensibilidade e o nosso caráter, estaremos devidamente fortalecidos para seguirmos pelo caminho indicado por Jesus de Nazaré. Ouçamos o Concílio:

Sejam as disciplinas teológicas renovadas por um contato mais vivo com o mistério de Cristo e a história da salvação. Atenção especial deve ser dedicada ao aperfeiçoamento da teologia moral. Sua exposição científica precisa ser mais profundamente alimentada pelo ensinamento escriturístico. Ela deve evidenciar a sublimidade da vocação dos fiéis em Cristo, e sua missão de produzirem frutos no amor, para a vida do mundo. (OT 16)

Depois, precisamos ser ouvintes da **tradição divina e humana**, sabendo distinguir, com lucidez, os elementos divinos que estão naquelas verdades que pertencem ao núcleo da fé, dos elementos humanos que foram se acoplando posteriormente a este núcleo essencial. Distinguir para saber valorizar, na devida

proporção, tanto uns quanto os outros. Ouçamos o Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*:

Todas as verdades reveladas procedem da mesma fonte divina e são acreditadas com a mesma fé, mas algumas delas são mais importantes por exprimir mais diretamente o coração do Evangelho. Neste núcleo fundamental, o que sobressai é a *beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado*. Neste sentido, o Concílio Vaticano II afirmou que «existe uma ordem ou “hierarquia” das verdades da doutrina católica, já que o nexo delas com o fundamento da fé cristã é diferente». Isto é válido tanto para os dogmas da fé como para o conjunto dos ensinamentos da Igreja, incluindo a doutrina moral (EG 36, grifo do autor).

O importante, por isso, é o esforço para saber diferenciar, com clareza, os elementos divinos, que requerem adesão fiel de todos e em todos os tempos, dos elementos culturais mutáveis. Também aqui se faz importante que estejamos abertos para saber ouvir as diversas vozes, que vêm de tantos lugares e que se apresentam como num grande concerto. Vozes diferentes que ressoam criando uma bela sinfonia, harmonicamente arranjada.

Ainda precisamos ser **ouvintes do grito dos pobres**.

Deus escuta o grito dos pobres: “Eu vi a opressão de meu povo no Egito, ouvi os gritos de aflição diante dos opressores e tomei conhecimento de seus sofrimentos” (Ex 3,7), e nos convoca a escutar este grito, junto com ele. A voz de todos os pobres se faz presente na história da humanidade. Ela reverbera na vida dos necessitados, dos sofredores, dos oprimidos, dos marginalizados, dos desprezados, dos miseráveis, dos excluídos, dos escravos do ódio, do rancor e da violência, dos solitários.

O profeta Isaías nos ensina: “Deu-me o Senhor Deus uma língua habilidosa para que os desanimados eu saiba ajudar com uma palavra. Toda manhã ele desperta meus ouvidos para que, como bom discípulo, eu preste atenção”. (Is 50, 4-5). Sem tal escuta, profundamente empenhada em encontrar a resposta justa, o teólogo moralista não poderá encontrar sua identidade e sua inserção na história da salvação.

Por fim, somos chamados a ser **ouvintes dos sinais dos tempos**

A *Gaudium et spes*, importante documento do Concílio para a Teologia Moral, dá grande ênfase aos ‘sinais dos tempos’, e o faz com a lógica da moral da graça.

Seguindo os passos do papa João XXIII, percebemos que ele pede que consideremos sempre, em primeiro lugar, os sinais encorajadores da presença de Deus, para que, em seguida, possamos enfrentar corajosamente, como desafio, os sinais alarmantes. Se não seguirmos este caminho poderemos nos tornar simples alarmistas ou repetidores de coisas velhas, ultrapassadas, juízes rigorosos que, por não levarem em conta a vida difícil, frágil e cansativa das pessoas, não poderão curar e confortar, não poderão despertar em ninguém a alegria da boa-notícia que vem de Deus.

Esta dinâmica da escuta fará de nós pessoas discernentes, livres, fiéis, responsáveis e criativas, vigilantes para colher as novas oportunidades do bem e para o enfrentamento dos novos perigos.

3 A PEDAGOGIA MORAL

Parto do princípio de que precisamos buscar, então, novas pedagogias, para estarmos mais sintonizados com uma educação evangelizadora, que contemple de perto a proposta de Jesus.

Jesus foi um mestre em Israel, um pedagogo por excelência, mas penso que ainda não aprendemos com ele como devemos professar aquilo que acreditamos para que isto entusiasme e inflame o coração das pessoas, suscitando nelas o desejo de uma vida renovada.

Aqui retomo, como ilustração, um texto de Rubem Alves: “De todos os professores que tive só me lembro de um professor de literatura, que não dava provas e passava todo mundo. Mas ele falava sobre literatura com tal paixão, que era impossível não ficar contagiado” (ALVES, 1997, p. 101).

Esta paixão parece que se ausentou de nós. Há uma boa-nova ainda não totalmente apreendida e muito menos vivida e, talvez por isso, não transmitida.

Dizem os evangelhos que “não se acende uma lâmpada para colocá-la debaixo de uma caixa, mas sim no candelabro, onde ela brilha para todos os que estão em casa” (Mt 5, 15). Parece que nossas lâmpadas estão apagadas, queimadas, ou escondidas.

Jesus nos propõe um fundamento ético essencial, muito teorizado, mas pouco experienciado. Sem negar os dez mandamentos, mas fazendo ressalvas às 613 leis

dos judeus, aponta apenas dois mandamentos como necessários para que o Reino se estabeleça: amar a Deus e amar ao próximo.

Mesmo assim, faz conosco um caminho, dada a dificuldade que este cumprimento representa. Usa a moral da gradualidade e nos apresenta sua Lei em quatro passos: O primeiro diz para amarmos ao próximo como a nós mesmos. O segundo nos pede que amemos ao próximo para assim podermos amar a Deus. O terceiro nos convoca a amar ao próximo como Deus nos ama e o quarto diz que devemos amar os inimigos, os de fora, os que estão longe. Paulo resume para nós esta Lei: “Carregai os fardos uns dos outros; assim cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6,2).

Cumprir isto é buscar assemelhar-se ao Mestre, é buscar ter os mesmos sentimentos que ele. “Haja entre vós o mesmo sentir e pensar que no Cristo Jesus” (Fl 2,5).

Deste modo, Jesus nos ensina como acender a lâmpada, como mantê-la acesa e como torná-la visível. “Nisto conhecerão todos que sois os meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13, 35). O amor é o eixo fundante do ensinamento e da vida de Jesus. Se ninguém nos reconhece como discípulos, se não encantamos as pessoas, se não iluminamos suficientemente o caminho dos outros, é porque falhamos no amor.

Podemos nos perguntar: a partir de qual pedagogia Jesus nos aproxima de seus ensinamentos? Esta pode ser explicitada de várias formas. Vou apontar algumas para tentar buscar seu alcance teórico e prático.

A primeira é uma **Pedagogia encarnatória**. Deus quis ser, conosco, um de nós e por isso entrou na nossa história, no nosso mundo de alegrias e dores, para nos revelar, por dentro, quem Deus é e quem somos nós na relação com Ele e com os outros.

A segunda é uma **Pedagogia da experiência**. Mais do que falar, Jesus agiu e sua vida foi narrada pelos evangelistas para que possamos a partir daí, nos encontrarmos com ele. Assim disse o papa Bento XVI, na Carta encíclica *Deus caritas est*: “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (DCE 1). Para que os frutos aconteçam, o evento Cristo precisa ser experienciado e não apenas teorizado.

A terceira é uma **Pedagogia narrativa**. Como os textos bíblicos, precisamos assumir o gênero literário narrativo para falar de Jesus e do Reino de Deus. É assim que as pessoas podem conhecê-lo, através do discurso nominal, direto, situacional, que traga uma linguagem compreensível e envolvente. Aliás, a questão da linguagem é fundamental. O papa João XXIII disse na abertura do Concílio algo muito importante a este respeito:

Uma coisa é a substância do “*depositum fidei*”, isto é, as verdades contidas na nossa doutrina, e outra é a formulação com que são enunciadas, conservando-lhes, contudo, o mesmo sentido e o mesmo alcance. Será preciso atribuir muita importância a esta forma e, se necessário, insistir com paciência, na sua elaboração; e dever-se-á usar a maneira de apresentar as coisas que mais corresponda ao magistério, cujo caráter é prevalentemente pastoral (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 1968, p. 8).

Seria útil recordarmos aqui também as palavras do papa Francisco, na Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, quando retoma o papa João XIII e o Papa João Paulo II:

Ao mesmo tempo, as enormes e rápidas mudanças culturais exigem que prestemos constante atenção ao tentar exprimir as verdades de sempre numa linguagem que permita reconhecer a sua permanente novidade; é que, no depósito da doutrina cristã, «uma coisa é a substância (...) e outra é a formulação que a reveste». Por vezes, mesmo ouvindo uma linguagem totalmente ortodoxa, aquilo que os fiéis recebem, devido à linguagem que eles mesmos utilizam e compreendem, é algo que não corresponde ao verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo. Com a santa intenção de lhes comunicar a verdade sobre Deus e o ser humano, nalgumas ocasiões, damos-lhes um falso deus ou um ideal humano que não é verdadeiramente cristão. **Deste modo, somos fiéis a uma formulação, mas não transmitimos a substância. Este é o risco mais grave.** Lembremo-nos de que «a expressão da verdade pode ser multiforme e a renovação das formas de expressão torna-se necessária para transmitir ao homem de hoje a mensagem evangélica no seu significado imutável» (EG 41. Grifo nosso).

A quarta é **uma Pedagogia orante**, que se alimenta do Espírito. Jesus nos ensina que a oração, o encontro especial com Deus, que fala ao nosso coração, nos fortalece para o caminho, nos capacita para a missão: O evangelista Marcos fala dos momentos de oração de Jesus: “De madrugada, quando ainda estava bem escuro, Jesus se levantou e saiu rumo a um lugar deserto. Lá, ele orava” (Mc 1, 35). E ainda: “Depois de despedi-los, subiu a montanha para orar” (Mc 6,46). É interessante pensarmos esta necessidade de Jesus de estar a sós com Deus. O evangelho de Mateus segue a mesma lógica ao nos ensinar a rezar: “Quando

orardes, não sejais como os hipócritas, que gostam de orar nas sinagogas e nas esquinas das praças, em posição de serem vistos pelos outros [...].Tu, porém quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora ao teu Pai que está no escondido” (Mt 6,5-6).

Muitas vezes gostamos da oração barulhenta, não sei bem se porque não compreendemos o que nos disse Jesus ou se porque achamos que precisamos superar os muitos outros barulhos do mundo para que Deus nos ouça.

O encontro com o Senhor nos encoraja quando amedrontados, nos fortalece quando enfraquecidos estamos, nos iluminam, quando fora o escuro se faz perigosamente presente.

O papa Francisco nos ajuda:

Sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, quebrantamo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se. A Igreja não pode dispensar o pulmão da oração (EG 262).

A quinta é a **Pedagogia da inclusão do outro**. Jesus nunca excluiu ninguém, pelo contrário colocou todos aqueles e aquelas que cruzaram seu caminho na perspectiva da comunhão fraterna e da salvação. Acolheu os pecadores, os doentes, as mulheres e levou junto com ele até aqueles que o traíram e o mataram. Assim, ele nos diz que o amor incondicional pelo outro é fundamento para o caminho que devemos percorrer e até condição para amarmos a Deus. “Se alguém disser: “Amo a Deus”, mas odeia o seu irmão, é mentiroso; pois quem não ama o seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus a quem não vê” (1Jo 4, 20).

O Papa Francisco diz que existem duas lógicas que podem guiar a Igreja. Ouçamos:

Trata-se de duas lógicas de pensamento e de fé: o medo de perder os salvos e o desejo de salvar os perdidos. Hoje, às vezes, também acontece encontrarmo-nos na encruzilhada destas duas lógicas: a dos doutores da lei, ou seja, marginalizar o perigo afastando a pessoa contagiada, e a lógica de Deus que, com a sua misericórdia, abraça e acolhe reintegrando e transformando o mal em bem, a condenação em salvação e a exclusão em anúncio. Estas duas lógicas percorrem toda a história da Igreja: *marginalizar e reintegrar* (FRANCISCO, 2015, grifo do autor).

A sexta é a **Pedagogia da ética propositiva**. Jesus sempre propõe: “se quiseres”. Vejamos: “Então Jesus disse aos discípulos: Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mt 16, 24). A única ordem

que sai da boca de Jesus é esta: “o que eu vos mando é que vos ameis uns aos outros” (Jo 15, 17). O ‘tu podes’ é sempre mais influente que o ‘tu deves’. As pessoas fazem verdadeiramente a opção pelo Reino quando na liberdade elas são estimuladas ao bem e introjetam isto como projeto a ser assumido. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II diz assim:

Mas é só na liberdade que o homem se pode converter ao bem. [...] Exige, portanto, a dignidade do homem que ele proceda segundo a própria consciência e por livre adesão, ou seja, movido e induzido pessoalmente desde dentro e não levado por cegos impulsos interiores ou por mera coação externa (GS 17).

Nosso olhar deve estar sempre fixo em Jesus, aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo 14,6). Ser como Ele é o ideal que devemos buscar sem cessar, mas, conhecendo a nossa fragilidade, precisamos trabalhar com uma ética propositiva que considere sempre o bem possível. Retomemos o papa Francisco:

Portanto, sem diminuir o valor do ideal evangélico, é preciso acompanhar, com misericórdia e paciência, as possíveis etapas de crescimento das pessoas, que se vão construindo dia após dia [...] Um pequeno passo, no meio de grandes limitações humanas, pode ser mais agradável a Deus do que a vida externamente correta de quem transcorre os seus dias sem enfrentar sérias dificuldades. A todos deve chegar a consolação e o estímulo do amor salvífico de Deus, que opera misteriosamente em cada pessoa, para além dos seus defeitos e das suas quedas [...] Vemos assim que o compromisso evangelizador se move por entre as limitações da linguagem e das circunstâncias. Procura comunicar cada vez melhor a verdade do Evangelho num contexto determinado, sem renunciar à verdade, ao bem e à luz que pode se dar quando a perfeição não é possível [...] Nunca se fecha, nunca se refugia nas próprias seguranças, nunca opta pela rigidez autodefensiva. Sabe que ele mesmo deve crescer na compreensão do Evangelho e no discernimento das sendas do Espírito, e assim não renuncia ao bem possível, ainda que corra o risco de sujar-se com a lama da estrada (EG 44-45).

A sétima é a **Pedagogia da graça que supera a lei**. No prólogo do Evangelho de João encontramos a seguinte afirmação: “Se a lei foi dada por Moisés, a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo” (Jo, 1,17). Esta fala tem um significado muito forte, com consequências que não podem ser relegadas.

Graça, portanto, é, em primeiro lugar, o rosto atrativo de Deus, manifesto em todas as suas obras, mas particularmente em Jesus Cristo. A fé nesta Palavra deve nos fazer ver Jesus não como um legislador, mas como a suprema revelação do amor e da misericórdia do Pai, aquele que veio para salvar a todos e não para condenar segundo a lei (HÄRING, 1991).

Moisés trouxe para o povo que, num primeiro momento travava conhecimento com um Deus que a eles se revelava, algumas obrigações e deveres, explicitados nas tábuas da lei, que deveriam ser observados, para que o projeto de Deus a seu respeito se cumprisse: um povo livre, que habitaria uma nova terra, sem necessidade de faraó e que não se tornaria agora o opressor de seus irmãos. Com o passar do tempo, o povo acrescentou outras leis às dadas e elas se tornaram um fardo pesado a cumprir.

Jesus, em um determinado momento de sua vida pública, estando diante dos discípulos e da multidão, retoma a questão da lei. Diz que veio para cumpri-la, mas reconhece a insuficiência do que conheciam até então. Por esta razão proclama: “Ouviste o que foi dito aos antigos [...] eu, porém vos digo”, e passando pelos mandamentos conclui que a perfeição no cumprimento da lei está no amor oferecido a todos, inclusive aos inimigos.

Por suas atitudes, mostra que o amor às pessoas e o cuidado pelas suas vidas é mais importante que tudo, mais importante até que o cumprimento estrito da lei. Por não considerar a prescrição do sábado acima do bem que poderia ser feito às pessoas, foi repudiado, perseguido, torturado e morto pelos religiosos de seu tempo, que faziam da lei um absoluto, acima inclusive da vida das pessoas. Infelizmente, em nome de Deus e do cumprimento da lei, muitas mortes aconteceram ao longo destes dois mil anos de cristianismo.

José Maria Castillo faz uma reflexão na seguinte direção:

Nascemos em uma cultura e nos educaram em instituições que nos formaram para cumprir nossos deveres, mas não para viver atentos às necessidades das pessoas. Por isso, os melhores dentre nós o mais que conseguem é ser bons *cumpridores*. Porém é muito raro encontrar pessoas verdadeiramente sensíveis ao desamparo e à necessidade de estima, respeito e carinho que qualquer um sente, seja quem for. Por isso nos causa tanto horror a violência, o terrorismo, a maldade das pessoas. Mas nos parece absolutamente normal que haja pessoas “irrepreensíveis” que passam pela vida deixando a seu lado enchentes de dor e de desamparo (CASTILLO, 201, p. 100, grifo do autor).

Esta questão é muito importante, pois Jesus disse, no seu tempo, mas também para nós, que as pessoas são mais importantes que a Lei e que ele veio para aliviar estas mesmas pessoas do jugo da lei e do fardo pesado que lhes era imposto até então. Ouçamos:

Vinde a mim, todos vós que estais cansados e carregados de fardos, e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e sede discípulos meus,

porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vós. Pois o meu jugo é suave e meu fardo é leve (Mt 11, 28-30).

Em outro momento faz uma pesada crítica aos escribas e fariseus: “Os escribas e fariseus sentaram-se no lugar de Moisés para ensinar [...] Amarram fardos pesados e insuportáveis e os põem nos ombros dos outros, mas eles mesmos não querem movê-los, nem sequer com um dedo” (Mt 23, 2.4).

Por isto, podemos dizer que há uma grande novidade no cristianismo, assim enunciada por Joaquim Jeremias: “A Lei põe o homem diante de suas próprias forças e pede-lhe que as use até o máximo; o Evangelho situa o homem diante do dom de Deus e pede-lhe que converta verdadeiramente este dom inefável em fundamento de suas vidas” (JEREMIAS apud CASTILLO, 2010, p. 130).

A oitava é a **Pedagogia da esperança**, da coragem. Diversas vezes nos Evangelhos Jesus nos diz: “Não tenham medo”, “Coragem”. (Mt 8, 26; Mt 9,22; Mt 10,26.28.31; Mt 17,7; Mt 28, 5. 10). A pedagogia do medo predominou entre nós. Durante muito tempo fomos instruídos a ter medo de tudo, de nós mesmos, dos outros e até de Deus. Este Deus amedrontador fez muito mal a todos nós, nos infantilizou e nos tornou adocidos, mentirosos e covardes. Deus nos foi apresentado, muitas vezes, como aquele que nos vigia em tempo integral para nos encontrar em alguma transgressão e assim nos punir.

Para relacionar-nos humanamente com o Deus que Jesus nos revelou, o mais urgente que devemos fazer é quebrar as ‘falsas imagens’ d’Ele que carregamos em nossas consciências, em nossa intimidade mais secreta. E a primeira e principal imagem falsa é que Deus é uma ameaça da qual devemos nos proteger.

O que percebemos hoje, neste tempo que exalta a autonomia, é que os mandatos e as proibições têm cada vez menos força para modificar a vida das pessoas. Sabemos que ainda existem muitos que se encontram reprimidos, angustiados por escrúpulos e transtornos psíquicos, em consequência a uma educação amedrontadora, mas também sabemos que existem pessoas que abandonaram todos os conceitos aprendidos, se libertaram dos medos impostos pela exigência de uma obediência cega e resolveram seguir suas vidas a partir da intuição interior de que outros caminhos são possíveis. Isto é bom, quando o verdadeiro Deus de Jesus é reconhecido, mas é muito triste quando percebemos

que, para ganhar a autonomia desejada, muitos lançaram Deus para fora de seus corações e de suas vidas.

Assim, não estamos propondo o relativismo ou uma liberdade sem referências ou sem limites, mas, na perspectiva da ética de Jesus, propomos o diálogo, a formação de uma consciência crítica, capaz de discernir em liberdade os caminhos que conduzem ao Bem.

O Papa Francisco nos propõe uma vida de coragem, de ousadia criativa. Disse assim aos jovens:

“Jovens, por favor, não se ponham na «cauda» da história. Sejam protagonistas. Joguem no ataque! Chutem para diante, construam um mundo melhor, um mundo de irmãos, um mundo de justiça, de amor, de paz, de fraternidade, de solidariedade. Jogai sempre no ataque! [...] Também a vocês, eu peço para serem protagonistas desta mudança. Continuem a vencer a apatia, dando uma resposta cristã às inquietações sociais e políticas que estão surgindo em várias partes do mundo. Peçolhes para serem construtores do mundo, trabalharemos por um mundo melhor. Queridos jovens, por favor, não «olhem da sacada» a vida, entrem nela. Jesus não ficou na sacada, mergulhou... «Não olhem da sacada» a vida, mergulhem nela, como fez Jesus. (FRANCISCO, 2013).

Portanto, não tenham medo, sejam ousados, revolucionários, criativos. Na *Evangelii gaudium* ele repete: “Não deixemos que nos roubem a esperança” (EG 86),

A nona é a **Pedagogia da misericórdia, da compaixão, do amor**. Ainda não compreendemos bem o que já nos dizia o Profeta Oséias: “Eu quero misericórdia e não sacrifícios, conhecimento de Deus e não holocaustos” (Os 6,6). Jesus, na linha dos profetas de Israel, nos revela um Deus rico em misericórdia, lento para a ira e muito rápido no amor oferecido a todos, um amor misericordioso, aquele do coração ternamente voltado para nossas misérias e fragilidades. São inúmeros os textos que poderiam aqui ser citados, mas podemos dizer, sem medo de errar, que todo o Novo Testamento caminha nesta direção.

O papa João XXIII, na abertura do Concílio Vaticano II, diz o seguinte: “Sempre a Igreja se opôs aos erros; muitas vezes até os condenou com a maior severidade. Nos nossos dias, porém, a Esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia que o da severidade [...]” (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 1969, p. 8).

O Papa Francisco, em 2015, por ocasião do Ano Santo, proclama o Jubileu extraordinário da misericórdia e lança uma bula, *Misericordiae vultus*, que, entre outras coisas, diz assim: “Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai” (MV 1). E diz

ainda: “Quanto desejo que os anos futuros sejam permeados de misericórdia para ir ao encontro de todas as pessoas levando-lhes a bondade e a ternura de Deus!” (MV 5) “A credibilidade da Igreja passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo. (MV 10).

Esta é a pedagogia que resume todas as outras. Sem a misericórdia e a compaixão, o Evangelho se torna letra morta, o amor se torna sentimentalismo barato e o projeto de um Reino que se dá agora, para ser possível plenamente no futuro, fracassa. A humanidade ferida precisa de misericórdia, mais do que de castigos, precisa de compaixão, mais do que de pena, precisa mais de amor gratuito e oferente do que do amor como produto que se pensa poder ser comprado e vendido em qualquer supermercado.

Ainda o Papa Francisco:

Existe um prefácio da liturgia ambrosiana no qual se lê: “O Senhor se inclinou sobre as nossas feridas e nos curou, dando-nos um remédio mais forte do que as nossas chagas, uma misericórdia maior que a nossa culpa” [...] O Senhor “nos primerea”, ou seja, nos precede, se antecipa a nós. Apenas quem foi tocado, acariciado pela ternura da misericórdia, conhece verdadeiramente o Senhor. (FRANCISCO, 2016, p. 67).

É este conhecimento de Deus que precisamos adquirir para podermos transmiti-lo, com alegria e entusiasmo, aos outros. Precisamos realizar a **revolução da ternura**, deixando para trás os moralismos bolorentos e ineficazes que só revelam as nossas incapacidades de nos colocarmos a caminho junto com todos aqueles que esperam de nós uma palavra, um ouvido atento, uma consolação e um seio, no seguimento fiel de Jesus.

4 COSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir gostaria de relembrar Dom Helder Câmara que nos diz que “a melhor maneira de ajudar os outros é provar-lhes que eles são capazes de pensar”. (CÂMARA, 2015). Esta é nossa função pedagógica, que não pode ser deixada de lado. A ética teológica contemporânea, com seus fundamentos, tem, pois, muito a contribuir com a pedagogia moral que pode ser curativa e paraclética, isto é, capaz de colocar as pessoas em condição de caminharem com seus próprios pés.

Gostaria de acrescentar ainda que o processo imaginativo está incluído na função de pensar. Por isso retomo novamente Dom Helder, quando diz: “Tem pena,

Senhor, tem carinho especial com as pessoas muito lógicas, muito práticas, muito realistas, que se irritam com quem crê no cavaleiro azul” (CÂMARA, 2015).

Crer no cavaleiro azul é fazer acontecer o sonho da realização do “inédito viável” Somos chamados a lutar para tornar possível o que ainda não foi realizado e, por isto, nos parece impossível. Isto faz parte da tarefa histórica de redesenhar e reconstruir o mundo, como nos lembra Paulo Freire.

Assim, vamos plantando esperanças, professando diante dos outros nossas crenças, nossas melhores convicções, nossos saberes saborosos, aprendidos com tantos mestres significativos, para que no diálogo com outros saberes possamos ir construindo pontes que nos liguem ao Infinito.

THEOLOGICAL ETHICS AS A FOUNDATION FOR MORAL PEDAGOGY

ABSTRACT

The article sets out to find out how the theological ethics can point the foundations to an education that is intended to be liberating and committed to the life of the people and to the life of the planet we inhabit. To do so, it resumes the proposals of the Second Vatican Council: a return to biblical sources, a resumption of the true face of God, revealed by Jesus Christ, and a moral that is renewed from the singular importance given to the conscience that discerns and acts responsibly creative and based on a freedom fidelity. It also retakes our mission as moral educators, indicating that we must first place ourselves as listeners of the word of God, of the divine and human Tradition, of the cry of the poor and of the signs of the times, and then of the pedagogy of Jesus, which can be explained in many ways, to become enthusiastic evangelizers, spreading the Good News that transforms people's lives and makes them happier and more courageous in the face of the challenges imposed by existence. Thus, we can believe that contemporary theological ethics, with its foundations, have much to contribute with moral pedagogy that can be curative and paracletic.

Keywords: Theological ethics. Pedagogy of Jesus. Renewed Morals.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Cenas da vida**. Campinas-SP: Papirus, 1997.

BENTO XVI, PP. **Carta encíclica *Deus caritas est***. São Paulo: Paulus, Loyola, 2006.

BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: 2002.

CÂMARA, Helder. Disponível em:
<http://institutodomhelder.blogspot.com/2015/04/frases.html>. Acesso em 20 de out. 2018

CASTILLO, José Maria. **A ética de cristo**. São Paulo: Loyola, 2010.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL *GAUDIUM ET SPES*. In: **Compêndio do Vaticano II**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1968.

DECRETO *OPTATAM TOTIUS*. Sobre a formação sacerdotal. In: **Compêndio do Vaticano II**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1968.

FRANCISCO, PP. **Exortação apostólica *Evangelii Gaudium***. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, Loyola, 2013.

_____. **Homilia aos novos cardeais**. Disponível em:
https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150215_omelia-nuovi-cardinali.html. Acesso em 23 de out. de 2018.

_____. Visita apostólica do papa Francisco ao Brasil por ocasião da XXVIII Jornada mundial da juventude. **Vigília de oração com os jovens**. Disponível em:
https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-veglia-giovani.html. Acesso em 26 de out. de 2018.

_____. **Misericordiae vultus**. Bula de proclamação do Jubileu extraordinário da misericórdia. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. **O nome de Deus é misericórdia**. Uma conversa com Andrea Tornielli. São Paulo: Planeta, 2016.

HÄRING, Bernhard. **Teologia moral para o terceiro milênio**. São Paulo: EP, 1991.